

## **Meu pai sempre fora um artista, embora eu não me desse conta.**

O meu pai tem por ofício a agricultura. Não aquela agricultura de antigamente; essa é muito melhor representada pela figura de meu avô paterno. O meu pai atua no agronegócio desde muito novo, há quase 40 anos. Eu sempre achei que a atividade dele exigisse muito apenas da racionalidade. Inclusive, foi com ele que aprendi muito do que pratico em minha atuação como psiquiatra. Aprendi a não inventar moda e fazer apenas o simples quando ele for possível. Se eu posso me valer de um conhecimento básico e aplicá-lo com boa resolutividade, para que buscar coisas complexas, raciocínios complicados e teorias excessivas que podem até atrapalhar? Via sempre meu pai agindo assim em seu ofício. Se uma dada espécie de semente seria uma boa opção, ou se algum fertilizante seria bom e de uso reconhecido, para que complicar o que pode ser simples? Melhor fazer o simples. Foi assim que pautei meu trabalho e digo que isso é uma conduta bastante responsável: não colocar coisas que alimentam o ego na prática do dia a dia, mas fazer o simples e correto. Sempre vi o trabalho do meu pai dessa forma. Não que eu não visse suas qualidades; sempre achei que ele se conduzia de forma responsável, muito cuidadosa e muito persistente. Acontecesse o que acontecesse, no outro dia, bem cedo, já despertava e ia se dedicar ao trabalho. Sempre cuidou com tanto zelo da fazenda que pude me identificar no zelo que tenho para escrever meus livros,

algo que faço com o mesmo cuidado e paixão. Meu avô paterno certa vez me disse: “o olho do dono engorda o gado”. Eu era criança na época e nem havia entendido. Depois que comecei a escrever livros, essa frase voltou à minha cabeça e pude compreendê-la. De fato, vi que, se eu não cuidasse de cada detalhe do livro, ele ficaria cheio de erros e problemas. Por mais que existam profissionais cuidadosos — e trabalhei com ótimos nesse ramo —, é o esmero do dono que refina tudo e cuida de tudo. Meu pai aplicou isso a vida toda: cuida da sua fazenda como um poeta cuida de seus livros. Só nisso eu já poderia ter visto algo de artista nele, mas não via. Poderia ver algo de artista nele também em seu amor pela música e em sua incrível memória para lembrar de clássicos, sobretudo do rock. Humilde, ele sempre atribui esse mérito ao seu amigo Luciano, que lhe apresentou essas grandes canções. Sei que, quando moço em Goiânia, carregou consigo o violão por muito tempo, mas não se dedicou tanto a isso, tornando-se apenas um admirador assíduo da nobre arte musical. Porém, depois que, por bênção, entrou em nossa família meu cunhado João Eduardo, pude entender melhor o ofício-arte de meu pai. Como disse, meu pai não é de se exaltar; assim, embora fale sobre seu trabalho, nunca entra muito nos meandros, nas complexidades, nas decisões e nos inúmeros detalhes que ele envolve. O meu cunhado é muito perspicaz e consegue conversar com meu pai com grande profundidade e amor sobre o trabalho. Ouvindo essas conversas, descobri que meu pai sempre foi um grande artista em seu campo. As decisões

brilhantes que tomou ao longo de todos esses anos, a intuição para escolher o tempo certo de plantar e colher, a parcimônia para escolher a melhor semente e o fertilizante certo. Sem inventar, mas com cuidado, com fé e com coragem. Afinal, não é todo mundo que investe os recursos de uma vida inteira sob a terra e depois entrega à Misericórdia Divina aquilo que está além de qualquer planejamento: a medida exata da chuva, do sol e do tempo, para que a terra retribua com seus frutos. Além disso, pude ver como há uma arte por trás, um cuidado que transcende a mera racionalidade. Ele não faz apostas vazias; aplica tudo o que aprendeu nesses anos, mas isso não é suficiente. É preciso ouvir os sinais de Deus no interior de si mesmo e tomar decisões, muitas decisões, as quais caracterizam a sua arte. Eu não percebia isso; hoje acho até estranho não ter percebido antes... Então vi que, talvez, além do amor à Arte que minha avó materna verteu em mim com imensa força, esse amor desmedido que tenho pela minha arte, em alguma medida, venha de meu velho também. Mais do que qualquer bastião da indústria cultural, hoje vejo nele muita semelhança na forma como me envolvo com o mundo e, principalmente, com minha arte. Feliz Dia dos Pais!